



DISPLASIA COXOFEMORAL EM FELINOS DOMÉSTICOS: REVISÃO CLÍNICA E CIRÚRGICA

Loren Maringelli PASQUI¹; Cláudia Valéria Seullner BRANDÃO²

1 – Estudante de Graduação em Medicina Veterinária, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Câmpus de Botucatu, SP.

2 – Professora Doutora (Orientadora), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Câmpus de Botucatu, SP.

e-mail: maringelli.pasqui@unesp.br

RESUMO

A displasia coxofemoral (DCF) em felinos domésticos é uma doença do desenvolvimento articular que resulta em incongruência e instabilidade do quadril, predispondo à osteoartrose secundária. Apesar de bem descrita em cães, a DCF felina é subnotificada, o que dificulta estimativas epidemiológicas e a padronização de condutas. O presente trabalho teve como objetivo reunir e discutir os conceitos clínicos e cirúrgicos mais recentes relacionados ao diagnóstico e ao tratamento da DCF em gatos, por meio de revisão da literatura científica nacional e internacional. A etiologia é multifatorial, envolvendo fatores genéticos, nutricionais e ambientais que influenciam o crescimento e a modelação do acetábulo e da cabeça femoral, sendo as raças puras, sobretudo Maine Coon, Persa e Himalaia, as de maior predisposição. Clinicamente, muitos gatos apresentam sinais discretos, como redução da atividade, relutância em saltar e alterações sutis na marcha; nos casos avançados, observam-se claudicação, atrofia muscular e dor à palpação. O diagnóstico fundamenta-se na correlação entre anamnese, exame ortopédico — frequentemente realizado sob sedação — e avaliação radiográfica na projeção ventrodorsal, considerada padrão-ouro. Verifica-se, ainda, elevada frequência de alterações radiográficas em animais assintomáticos, o que reforça a importância de protocolos diagnósticos precoces. O tratamento conservador, indicado na maioria dos casos iniciais, baseia-se em abordagem multimodal que reúne analgesia e anti-inflamatórios não esteroidais, controle de peso, manejo nutricional e fisioterapia, com bons resultados funcionais. Nos casos refratários ou avançados, a intervenção cirúrgica está indicada, sendo a ostectomia da cabeça e colo femoral o procedimento mais relatado em gatos e a artroplastia total (micropróteses) uma alternativa de maior complexidade técnica. As taxas de sucesso cirúrgico superam 85% quando há indicação e execução adequadas, associadas a protocolo fisioterapêutico pós-operatório. A prevenção depende

essencialmente de seleção reprodutiva criteriosa, diagnóstico precoce e manejo ambiental. Conclui-se que, embora desafiadora, a DCF felina é passível de controle por meio de abordagem multidisciplinar baseada em evidências, sendo evidente a necessidade de estudos longitudinais e controlados que fortaleçam as decisões clínicas e cirúrgicas e favoreçam o bem-estar dos pacientes acometidos.

Palavras-chave: artrose; gatos; ortopedia; pelve.

INTRODUÇÃO

A displasia coxofemoral (DCF) é uma afecção do desenvolvimento da articulação do quadril que cursa com incongruência e instabilidade articular, predispondo à osteoartrose secundária. Embora frequentemente associada à espécie canina, trata-se de enfermidade de grande relevância na medicina felina, ainda subnotificada e que merece atenção especial de médicos veterinários e tutores. A incidência varia de forma expressiva entre as populações, sendo identificada em proporção consideravelmente maior em gatos de raça pura do que naqueles sem raça definida.

A natureza multifatorial da doença envolve componentes hereditários e ambientais interligados que contribuem para o seu desenvolvimento (ROSSI, 2021; FOSSUM, 2021). Estudos epidemiológicos sugerem maior prevalência em fêmeas, o que pode indicar predisposição genética ou hormonal a ser melhor investigada. Soma-se a isso a observação de que parcela significativa dos gatos, mesmo sem sinais clínicos aparentes, apresenta evidências radiográficas de doença articular degenerativa, o que evidencia a discrepância entre a manifestação clínica e os achados de imagem nessa espécie.

A manifestação clínica da DCF pode ocorrer em animais jovens, porém é mais comum em adultos e geriátricos, refletindo a progressão da doença ao longo da vida (FOSSUM, 2021). A capacidade dos felinos de mascarar a dor (LITTLE, 2016) dificulta o reconhecimento precoce, tornando o diagnóstico um desafio clínico que reúne anamnese detalhada, exame ortopédico minucioso e avaliação radiográfica padronizada (PERRY, 2016). A compreensão desses aspectos é determinante para o estabelecimento de estratégias de prevenção, manejo clínico e intervenção cirúrgica que preservem a qualidade de vida dos pacientes.

Diante da relativa escassez de estudos sobre o tema e da insegurança que muitos profissionais relatam quanto à conduta, o presente trabalho tem como objetivo reunir e discutir os conceitos clínicos

e cirúrgicos mais recentes relacionados à displasia coxofemoral em felinos domésticos, abordando desde os mecanismos etiopatogênicos e o diagnóstico até as opções terapêuticas conservadoras e cirúrgicas e as medidas de prevenção atualmente disponíveis na medicina veterinária.

METODOLOGIA

Realizou-se revisão de literatura de caráter narrativo, fundamentada em livros-texto de referência em cirurgia e clínica de pequenos animais, artigos científicos indexados, diretrizes de entidades especializadas em medicina felina e trabalhos acadêmicos nacionais e internacionais. Foram priorizadas publicações que abordam a etiologia, os sinais clínicos, o diagnóstico por imagem, o tratamento conservador e cirúrgico e a prevenção da displasia coxofemoral em felinos domésticos. As informações foram selecionadas, organizadas por eixos temáticos e analisadas de forma comparativa, com ênfase nas evidências mais recentes e na sua aplicabilidade à prática clínica e cirúrgica voltada ao bem-estar do paciente felino.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Etiologia. A DCF é caracterizada primariamente por instabilidade articular e desenvolvimento displásico das estruturas ósseas e cartilaginosas do quadril, conduzindo a alterações morfofuncionais progressivas e comprometimento biomecânico (FOSSUM, 2021). A predisposição genética é determinante, tratando-se de doença hereditária poligênica, observada com maior frequência em determinadas raças, o que sugere concentração de alelos predisponentes (TODHUNTER; LUST, 2007). O Maine Coon destaca-se como a raça mais suscetível, com cerca de 24,9% dos animais apresentando alterações displásicas, ao lado das raças Persa e Himalaia (LODER; TODHUNTER, 2017); a elevada consanguinidade nessas linhagens restringe o pool genético e perpetua os genes relacionados à afecção. Entre os fatores ambientais, o excesso de peso é crítico, pois impõe sobrecarga biomecânica e contribui, ainda, com o componente inflamatório próprio da obesidade (FRYE; SHMALBERG, 2022). Microtraumas repetitivos, superfícies de baixo atrito, áreas com declive e o acesso à rua também potencializam a progressão da doença, sobretudo em animais geneticamente predispostos (BLACKWELL et al., 2022).

Sinais clínicos. Por mascararem a dor (LITTLE, 2016), os gatos manifestam sinais sutis e progressivos, tipicamente entre três meses e três anos e meio de idade. Nos estágios iniciais predominam alterações comportamentais — redução da interação social, aumento da inatividade e

relutância em saltar e subir escadas —, que precedem os sinais físicos e merecem atenção na anamnese (PERRY, 2016). Com a progressão, surgem claudicação intermitente ou persistente, rigidez articular, redução da amplitude de movimento, marcha empinada com encurtamento da passada e, nos casos avançados, atrofia da musculatura pélvica, em especial dos glúteos e do quadríceps (KERWIN, 2012; PERRY, 2016).

Diagnóstico. O diagnóstico integra avaliação ortopédica e exames complementares, com achados por vezes inconclusivos (PERRY, 2016). À manipulação, observam-se dor em abdução, flexão, extensão e rotação, crepitação e instabilidade; o teste de Ortolani é indicador fidedigno de frouxidão articular, sobretudo nas fases iniciais (FOSSUM, 2021). Em razão do comportamento defensivo da espécie, recomenda-se a sedação para o exame ortopédico, reduzindo resultados falso-negativos (AAFP/ISFM, 2022). A radiografia é fundamental, sendo a projeção ventrodorsal o padrão-ouro, com o paciente em decúbito dorsal, membros estendidos e fêmures em rotação interna, abrangendo toda a pelve (INÁCIO DA CRUZ, 2021). As alterações incluem subluxação da cabeça femoral, achatamento acetabular, osteofitose periarticular e remodelamento ósseo.

Tratamento conservador. O manejo é multimodal e individualizado conforme a severidade, a idade e a condição clínica, com bons resultados nos casos leves e iniciais, especialmente em pacientes jovens (PERRY, 2016). Os anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs) constituem a base farmacológica, atuando na inibição da cicloxigenase e no controle da dor; sua administração deve respeitar a menor dose eficaz, junto à alimentação, e os protocolos de licenciamento específicos para a espécie (NETO, 2022). O manejo nutricional é essencial, com restrição calórica controlada para o peso ideal, redução de carboidratos e incremento de proteína de alta qualidade e ácidos graxos ômega-3. A fisioterapia — incluindo hidroterapia, termoterapia, eletroterapia e terapia manual — e a prática de exercícios de baixo impacto fortalecem a musculatura periarticular, otimizam a amplitude de movimento e permitem redução das doses medicamentosas, superando abordagens meramente restritivas; a acupuntura também demonstra eficácia no controle da dor crônica (PERRY, 2016).

Tratamento cirúrgico. A cirurgia é indicada em casos refratários ou avançados (PERRY, 2016; KERWIN, 2012). A ostectomia da cabeça e colo femoral é o procedimento mais empregado em gatos, pela simplicidade técnica e baixa incidência de complicações; baseia-se na remoção da cabeça e do colo, com formação de pseudoartrose fibrosa funcional e retorno à deambulação geralmente entre quatro e doze semanas (FOSSUM, 2021). Entre as intercorrências possíveis figuram

claudicação residual, encurtamento do membro, instabilidade patelar e restrição da amplitude articular. A artroplastia total coxofemoral, por meio de micropróteses, é alternativa aplicável a felinos de até cerca de 10 kg; embora tecnicamente mais complexa e de recuperação mais delicada, oferece menos complicações em longo prazo e melhores parâmetros biomecânicos (PERRY, 2016). De modo geral, os procedimentos cirúrgicos apresentam taxas de sucesso superiores a 85% quando bem indicados e executados, sendo a idade jovem, a ausência de comorbidades, o controle ponderal e a fisioterapia pós-operatória fatores prognósticos favoráveis (FOSSUM, 2021).

Prevenção. A prevenção é desafiadora pela natureza multifatorial da doença e fundamenta-se em seleção reprodutiva criteriosa, diagnóstico precoce e manejo ambiental (LODER; TODHUNTER, 2017). A reprodução de animais com DCF radiograficamente confirmada é fortemente contraindicada, justificando programas reprodutivos controlados em raças predispostas. O controle de peso é fator crítico, e o enriquecimento ambiental — com acesso facilitado a diferentes níveis de elevação, estímulo à atividade física controlada e superfícies de atrito adequado — contribui para manter o tônus muscular e reduzir a sobrecarga articular e os microtraumas (AAFP, 2018; SILVA, 2011; BLACKWELL et al., 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A displasia coxofemoral é condição ortopédica de relevância na medicina felina, mais frequente em animais de raça pura e de etiologia multifatorial, na qual fatores genéticos somam-se a determinantes ambientais como excesso de peso, microtraumas e características das superfícies de deambulação. O diagnóstico preciso depende da associação entre avaliação semiológica minuciosa e análise radiográfica pormenorizada. O tratamento conservador apresenta eficácia satisfatória, enquanto os casos refratários se beneficiam da intervenção cirúrgica, sobretudo da ostectomia da cabeça e colo femoral ou da artroplastia total. A prevenção apoia-se em programas reprodutivos controlados que excluam animais displásicos do plantel. Assim, a identificação e a intervenção precoces correlacionam-se a prognóstico favorável, e a afecção mostra-se passível de controle adequado mediante abordagem multidisciplinar baseada em evidências, ainda que permaneça evidente a necessidade de estudos longitudinais e controlados que fortaleçam as decisões clínicas e cirúrgicas em prol do bem-estar dos pacientes felinos.

REFERÊNCIAS

AMERICAN ASSOCIATION OF FELINE PRACTITIONERS. *Environmental enrichment enhances quality of life for your cat*. 2018.

BLACKWELL, E. J.; MANIAKI, E.; MURRELL, J.; LANGLEY-HOBBS, S. J. Associations between early neutering, obesity, outdoor access, trauma and feline degenerative joint disease. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, 2022.

FOSSUM, T. W. *Cirurgia de pequenos animais*. 5. ed. Rio de Janeiro: GEN Guanabara Koogan, 2021.

FRYE, C. W.; SHMALBERG, J. Obesity, exercise and orthopedic disease. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, v. 24, p. 1093–1132, 2022.

INÁCIO DA CRUZ, A. *Avaliação radiográfica da articulação coxofemoral de felinos domésticos*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Medicina Veterinária) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2021.

JOURNAL OF FELINE MEDICINE AND SURGERY. *2022 AAFP/ISFM Cat Friendly Veterinary Interaction Guidelines: approach and handling techniques*. 2022.

KERWIN, S. C. Orthopedic examination in the cat: clinical tips for ruling in/out common musculoskeletal disease. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, v. 14, n. 5, p. 323–331, 2012.

LITTLE, S. E. *O gato: medicina interna*. Rio de Janeiro: Roca, 2016.

LODER, R. T.; TODHUNTER, R. J. Demographics of hip dysplasia in the Maine Coon cat. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, v. 20, n. 4, p. 302–307, 2017.

MILKEN, V. M. F. *Estudo radiográfico comparativo da displasia coxofemoral entre gatos da raça Persa e sem raça definida*. 2007. Tese (Doutorado em Medicina Veterinária) – Universidade Estadual Paulista, 2007.

NETO, C. I. M. *Estudo dos efeitos tóxicos de anti-inflamatórios não esteroides em animais de companhia*. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) – Universidade da Beira Interior, 2022.

PERRY, K. Feline hip dysplasia: a challenge to recognise and treat. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, v. 18, 2016.

ROSSI, A. *Displasia coxofemoral em felinos: revisão de literatura*. 2021. Trabalho de Especialização (Clínica Médica de Felinos) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021.

SILVA, A. V. *Displasia coxofemoral: considerações terapêuticas atuais*. 2011. Monografia (Graduação em Medicina Veterinária) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SPILLER, P. R. et al. *Displasia coxofemoral em gato*. 2015.

TODHUNTER, R. J.; LUST, G. Displasia do quadril: patogenia. In: SLATTER, D. *Manual de cirurgia de pequenos animais*. 3. ed. São Paulo: Manole, 2007. v. 2, cap. 143, p. 2009–2019.